Objectos que contam...

EXPOSIÇÃO
MUSEU MUNICIPAL
PENAMACOR
2012

Objectos que contam…

05 APRESENTAÇÃO
06 MALA DE PARTOS E FÓRCEP
10 JOEIRA
11 BATUTA
12 BABETE PARA A BARBA
14 CHOCALHO
15 LANÇADEIRA
17 RODILHAS
19 BANDOLEIRA DO PASTOR
21 CAPACETE DA GRANDE GUERRA

BIBLIOGRAFIA

HORMIGO, José Joaquim M., Maestro e Compositor António Gonçalves da Fonseca, 1997.

RODRIGUES da SILVA, Capitão Júlio, Monografia do 3º Batalhão Expedicionário do R.I. nº 21 à Província de Moçambique em 1915.

LANDEIRO, José Manuel, O Concelho de Penamacor na História, na Tradição e na Lenda, Câmara Municipal de Penamacor, 4ª Edição, 1995.

FICHA TÉCNICA

Concepção, organização e direcção de produção: Joaquim Nabais

Design: Vítor Gil

Produção: João Mateus, Pedro Reis, Manuel Lopes

AGRADECIMENTOS

Srª Maria Dulce, Sr. João Gonçalves, Aníbal Sequeira, Lopes Marcelo

APRESENTAÇÃO

Nove objectos, díspares na forma e na função, aqui juntos aparentemente ao acaso, certamente por ordem aleatória. Alguns destes objectos arrastam outros objectos, ou imagens; todos eles, mais ou menos, convocam palavras. Um discurso, portanto. Temos então nove discursos, ou, talvez com mais acerto, nove motes para um número indeterminado de discursos possíveis. Em comum, a referência, explícita ou implícita, a uma certa espacialidade, associada ao concelho de Penamacor, e o modo temporal pretérito – perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito.

Memórias, se assim lhe quisermos chamar. Mas também podemos chamar-lhe conhecimento, que é no que dão as memórias quando abrem as janelas para o passado donde nos vêm as raízes que nos alimentam, para não fenecermos ignorantes de nós próprios.

MALA DE PARTOS E FÓRCEP

ANTÓNIO RODRIGUES MOUTINHO, o doutor Moutinho, médico celebérrimo entre o povo do concelho de Penamacor, nasceu nesta vila a 8 de Outubro de 1912, onde viveu praticamente toda sua vida e faleceu em 14 de Fevereiro de 1995. Seu pai, Francisco dos Santos Moutinho, oriundo do concelho da Guarda, veio residir para Penamacor como oficial do Exército do Regimento de Infantaria, e aqui casou com Maria José Godinho Rodrigues. Após os cinco primeiros anos de escolaridade feitos em Penamacor, ingressou no Colégio Militar, em Lisboa, onde completou o curso liceal. Decidido a ser médico, foi para Coimbra fazer os preparatórios, regressando mais tarde a Lisboa para completar o curso na Faculdade de Medicina, em 1936.

Estudante da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, 1932

O menino António com 4 anos

Aluno do Colégio Militar, em 1925

Família de Francisco dos Santos Moutinho. António encontra-se atrás, à esquerda, com o uniforme do Colégio Militar

Retrato de 1938, altura em que inicia a sua carreira de médico

PERCURSO PROFISSIONAL DO DR. ANTÓNIO MOUTINHO

1937/38
Aldeia do Bispo – Faz clínica particular

1937/1938
Cumpre o serviço militar obrigatório em Castelo Branco, no Regimento de Cavalaria 8, de onde saiu graduado em tenente

1938 – 1943
Inicia em Penamacor a sua actividade profissional como médico.
A clínica particular, que nesta época tinha uma componente de visitas domiciliárias muito importante, obriga-o a deslocar-se frequentemente a qualquer freguesia do concelho. Começou por usar o cavalo como meio de transporte, pois ao tempo havia apenas um carro de aluguer e a falta de combustível também se fazia sentir. Contudo, tinha um amigo que com frequência o ajudava nestas deslocações por já dispor de automóvel próprio, o João Rocha, comerciante na vila e hábil mecânico

1939 – 1943 e 1945 – ?
Médico da Casa do Povo de Penamacor, recentemente inaugurada – 15 de Maio de 1938, onde deu consultas diariamente, realizou pequenas cirurgias e fez visitas

Tomada de Posse como presidente da Câmara de Penamacor, 1964

domiciliárias. Tinha o apoio da Menina Lia, enfermeira de quem teve grande colaboração na prestação de cuidados de saúde à população durante as décadas de 40, 50 e princípio de 60

1940

Casa em Penamacor com Clotilde Martins Ramos, filha de um casal de agricultores da freguesia de Bemposta, de quem teve quatro filhos

1943 - 1944

Vai para Monsanto com a família, onde foi o primeiro médico residente do Posto de Assistência Médico Social para a Maternidade e Infância criado nesta data

1945 – 1985

Passa a residir em Penamacor, onde exerce a actividade de médico até à aposentação

1946

Passa a dispor de automóvel, comprado em 2ª mão. No pós-guerra, as dificuldades relacionadas com a manutenção do veículo, bem como as condições das "estradas" e caminhos tornavam qualquer viagem, por curta que fosse, numa verdadeira aventura; contudo, bem mais rápida que a cavalo...

1950

Já tem o consultório equipado com aparelhos de radiações de infravermelho, ultravioleta e ondas curtas, utilizados na época para tratamentos de diversas doenças. Em 1951 adquire aparelho de raios X

Residência e consultório na esquina das ruas 25 de Abril e Ribeiro Sanches

1953

Passa a deslocar-se semanalmente, normalmente no domingo, aos postos clínicos de Aranhas, mais tarde também a Benquerença e a Aldeia de João Pires, onde dá consultas

1953 – 1969

Médico do Hospital da Misericórdia de Penamacor; Médico da Caixa de Previdência

1961

Nomeado Delegado de Saúde do concelho

1972

Participa nas Ias Jornadas Científicas de la História de la Medicina Regional Extremeña hispano-lusa , com uma dissertação sobre o tema: António Nunes Ribeiro Sanches, Ilustre Médico e Escritor setecentista natural de Penamacor

1964 – 1973

Presidente da Câmara de Penamacor

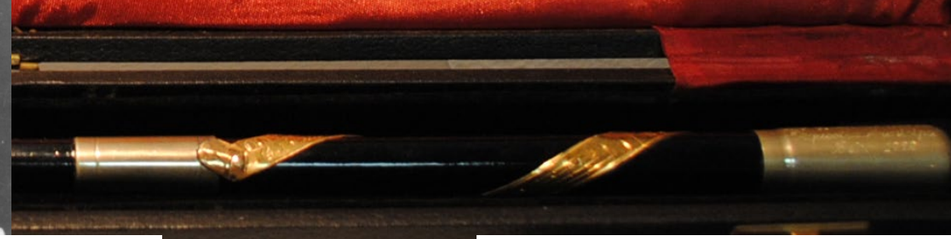
1973 – 1985

Com a entrada em funcionamento do Centro de Saúde de Penamacor assume a direcção até à sua aposentação, em 1985

Homenagem que lhe prestaram funcionários e direcção do Lar D. Bárbara Tavares da Silva, em 1994

JOEIRA

No longo processo que fica para trás da agradável imagem do pão sobre mesa, à joeira, ou ao crivo, cabe o lugar entre a debulha e a moedura. Ao irem ao moinho, os grãos de trigo querem-se limpos de todas as impurezas, para que o pão, no final, resulte também ele puro, símbolo maior do sustento do homem.



BATUTA

ANTÓNIO GONÇALVES DA FONSECA era filho de Alexandre Gonçalves da Fonseca e de Esperança Marques da Fonseca. Do pai, natural da Guarda, sabe-se que foi regente da Banda em Penamacor por volta de 1900. À falta de confirmação – só possível pelos assentos de casamento ou de baptismo – tudo leva a crer que aqui casou com Esperança Marques, filha de Augusto de Campos e Ana Marques, já que o apelido de Campos é reco rente em Penamacor (segundo Landeiro, o terreno onde foram construídos os Paços do Concelho pertencia a um tal Manuel de Campos; por outro lado, ainda hoje persiste o topónimo da Rua de Campos)

Menino dotado para a música, Gonçalves da Fonseca recebe os primeiros ensinamentos do pai, ele próprio professor de música e regente de bandas, incluindo, como foi dito, a filarmónica de Penamacor que resultou da união das rivais músicas do "Chouriço" e da "Farinheira", em finais do século XIX. Aos 14 anos, o rapaz compunha modinhas que interpretava ao violino, bandolim, cornetim e flauta. Ciente das suas capacidade e desejando progredir na carreira artística, alista-se aos 16 anos no exército como aprendiz de música. Com os bons professores que aí teve, os progressos foram notórios, passando rapidamente para os cursos de Chefe de Música do Exército. Depois de inúmeras peripécias e estadias em diversos locais, acaba por sair do exército e fixa-se em Moçambique, onde adquire a consagração como músico e conhece a pianista norte americana Phillipa Schuyler, com quem trava amizade. Schuyler viria a ser responsável pela divulgação da música de Fonseca nos USA, na Europa e em vários pontos de África.

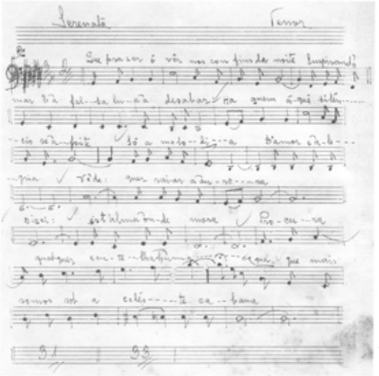


Foto partitura
1944. Serenata, música e poema de G. da Fonseca

Phillipa Shuyler (n.1931 m. 1967)
Pianista precoce e superdotada que surpreendeu a América nos anos 40. Nos seus recitais integrava amiúde peças de Gonçalves da Fonseca.

BABETE PARA A BARBA

O BARBEIRO

Em tempos não muito longínquos, o ofício de barbeiro estava longe de se confinar ao fazer da barba e ao corte do cabelo. Na verdade, em muitos casos, o barbeiro era simultaneamente cirurgião, dentista e enfermeiro, pois que praticavam pequenas cirurgias, sangravam, lancetavam, aplicavam bichas e ventosas e arrancavam dentes, além, é claro, de cortar o cabelo e a barba. Dos seus instrumentos constavam a navalha, o pente, a tesoura, a lanceta, a ventosa, o sabão, a pedra de amolar, a bacia de cobre, o escalpelo, o escarificador, a turquês e as sanguessugas. Os mais humildes praticavam a suas actividades na rua, enquanto os mais preparados tinham os seus estabelecimentos estrategicamente localizados. A actividade dos barbeiros-cirurgiões perdurou em geral até o século XIX, e em algumas das nossas aldeias ainda eram figuras destacadas já bem passar de meados do século XX

Barbearia do Sr. João Gonçalves - Penamacor

Isaac Koedyck (1616 -1677), desagradado com as críticas dirigidas a quem tratava dos humildes camponeses, documentou na sua obra a figura do barbeiro-cirurgião trabalhando cuidadosamente nos pacientes

Barbeiro-cirurgião trabalhando em plena rua, numa pintura de Franz Anton Maulbertsch (1724 – 1796)

CADEIRA DE BARBEIRO

A cadeira de barbeiro era apanágio dos profissionais do mais elevado status, enquanto a maior parte utilizava simples bancos ou cadeiras, muitas vezes em casa do próprio cliente, onde se deslocava, por via de regra, aos Sábados à noite ou Domingos de manhã, quando a folga do trabalho o permitia. Era aqui que o babete, extremosamente bordado pela esposa, entrava.

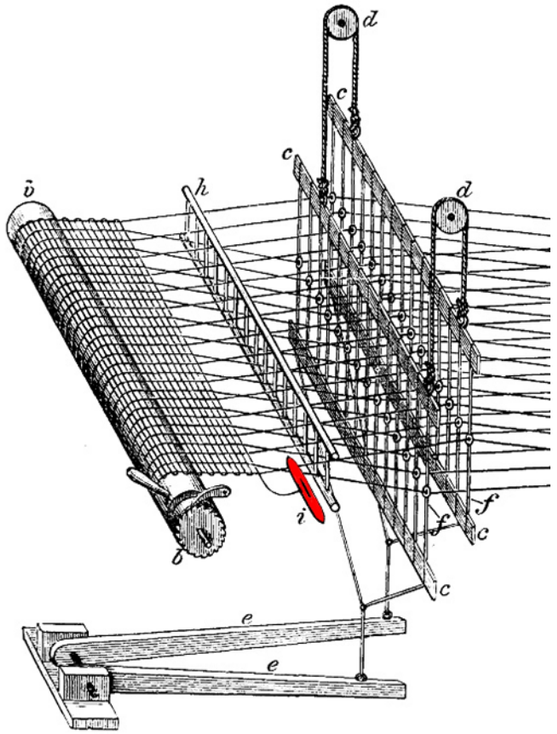
Uma gravura satírica, datada de 1570, demonstra bem a imagem que o público possuía dos barbeiros-cirurgiões, nela aparecem macacos utilizando os instrumentos dos barbeiros para tirar sangue, extrair dentes e cortar cabelos

CHOCALHO

Os chocalhos são de origem muito antiga. A sua utilidade imediata está relacionada com a localização do rebanho ou do animal, para evitar extravios. Contudo, o cuidado posto no fabrico de diferentes tipos de chocalhos, com diferentes sonoridades, resulta, quando usados em conjunto, numa espécie de "melodia" em que cada pastor se empenha para particularizar o seu rebanho. Feitos à mão, através de técnicas específicas com o intuito de se obter o som pretendido, que depende da espessura da folha de ferro e da quantidade de metal (cobre ou bronze) utilizado, os chocalhos podem ser do tipo pecadeiro, reboleiro, beiroa, serrano, manga, etc..

"Havia na aldeia e circunvizinhanças rebanhos valentes, tanto de ovelhas como cabradas. Sabia-se o dono pela música dos chocalhos: da casa Megre, da casa Campos, da casa Franco Frazão, do velho Barroso, do Labouxa, do Stronca Brochas, do Puta Maluca, do Tonho Pedro, do ti Domingos Landeiro, dos Abades, dos Compõe... Conhecia-se ao longe o som do reboleiro e o rebanho estava identificado e localizado. Técnicas de outros tempos em que não havia chips nem GPS."

http://basagueda.blogspot.com



LANÇADEIRA

A TECELAGEM é um dos processos de produção artesanal mais antigos que o homem ainda hoje utiliza. Os primeiros tecidos de fibras entrelaçadas, que se conheça, datam de há sensivelmente 4500 anos. Pelas suas elevadas qualidades têxteis, o linho, o algodão e, mais tarde, a lã, foram as matérias-primas desde cedo mais utilizadas. Entre nós, a cultura do linho estendia-se a todo o concelho, onde igualmente se processavam todas as etapas que conduziam às peças de vestuário e de outras para diversos usos domésticos.

Num recenseamento de 1849, para uma população aproximada de 7000 habitantes que então viviam o concelho, mais de 500 pessoas trabalhavam directamente na manufactura do linho, distribuídas pela fiação (+450) e tecelagem (+90), isto é, certamente mais de 8% da população, quase sempre mulheres, sendo estas tendencialmente solteiras. Se tivermos em conta as tarefas

implicadas na cultura da planta (arar, semear, mondar, arrancar) e nos trabalhos intermédios (ripar, macerar, maçar, espadelar, sedar, fiar, tecer), depressa chegaremos à conclusão que, exceptuando pastores, pessoal dos ofícios e de alguns serviços, rara seria a pessoa que, de uma maneira ou de outra, não viesse a tocar no linho.

	FIADEIRAS	ESTADO	FIADEIROS	ESTADO	TECEDEIRAS	ESTADO	TECELÕES	ESTADO	POPULAÇÃO	FOGOS	P/FOGO
Benquerença	39	24 Solteiras 12 Casadas 3 Viúvas	1	Solteiro	18	13 Solteiras 4 Casadas Obs.: uma folha ao caderno (arrancada)	2	1 Solteiro 1 Casado	539	127	4,24
Pedrógão	81	14 Solteiras 42 Casadas 25 Viúvas			4	3 Soleiras 1 Casada Obs.: 5 folhas arrancada; raramente surgem fiadeiras declaradas na mesma casa, mesmo em famílias com filhas solteiras em idade de trabalhar, sendo de supor que haveria mais gente ligada aos ofícios de tecelagem e fiação.	2	2 Casados	828	225	3,68
Aranhas	5	3 Solteiras 1 Casada 1 Viúva			8	6 Solteiras 2 Casadas Obs.: faltam 4 folhas (arrancadas)	3	2 Solteiros 1 Casado	569	141	4,03
Penamacor	269	119 Solteiras 111 Casadas 39 Viúvas			14	8 solteiras 4 Casadas 2 Viúvas Obs.: 16 folhas arrancadas	1	Casado	1974	582	3,39
Águas	1	(?)				Obs.: A partir daqui parece haver uma mudança de paradigma por parte do escrivão: (1) por vezes existem lapsos na numeração dos fogos, ultrapassados por análise ao estado civil, e (2) provavelmente não se tem na mesma conta a ocupação de mulheres e adolescentes			307	76	4,04
Ald. Bispo	2	(?)			7	4 Solteiras 3 Viúvas	2 1 Cardador	1 Solteiro 2 Casados	628	151	4,15
Meimão	1	(?)			10	8 Solteiras 3 Casadas			338	77	4,39
Meimoa						Obs.: Não há menção à ocupação			320	72	4,44
Vale Srª Póvoa	3	(?)			2	Solteiras			310	83	3,73
Bemposta	13	(?)			5	2 Solteiras 3 Casadas	1	Casado	369	97	3,8
Ald. J. Pires							2	Casados	461	146	3,16
Salvador						Por qualquer razão, os dados sobre Salvador são omissos relativamente à ocupação da população, bem como à composição dos fogos			217(?)		
Totais	414		1		64		14		6860	1777	3,94

RODILHAS

As Rodilhas são pequenas "almofadas" feitas de tiras de trapos entrançadas, normalmente resultantes de restos ou de aproveitamentos de panos velhos, de forma circular, abertas no centro. Eram muito utilizadas pelas mulheres para transportar à cabeça os cântaros de água, cestos e outros carregos. Hoje em dia, este tipo de peças é sobretudo usado para decoração.

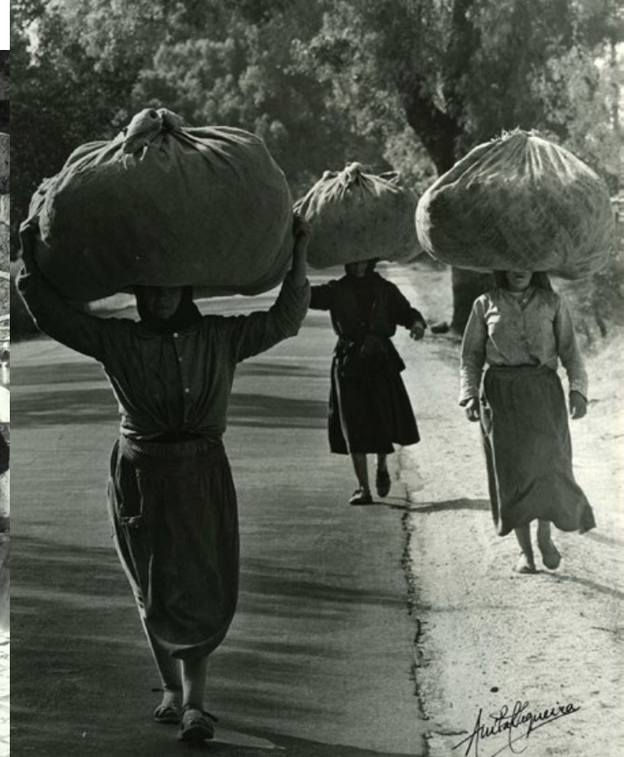
Cântaro
Vasilha utilizada, geralmente pelas mulheres trabalhadoras rurais, para carregar água da fonte ou do poço para abastecimento da casa

Cantareira
Peça de mobiliário típica que servia de poial para os cântaros

A prática de algumas mulheres era tão grande que, colocada a rodilha na cabeça, não era preciso segurar o que quer que fosse que nela pusessem. As mais novas, enquanto não tinham experiência, ao tentarem imitar as mais velhas, iam segurando primeiro com as duas mãos, depois só com uma e, por fim, sem nenhuma. Como que faziam um despique para ver quem primeiro conseguia equilibrar o cântaro ou a cesta sem mãos. Se, porventura alguma deixava cair o cântaro, ouvia um ralhete da mãe.

Quem não pode com o cântaro não pega na rodilha

Na sabedoria popular, esta expressão adverte para o risco que corre quem se lança num empreendimento para o qual não está capacitado.



BANDOLEIRA DO PASTOR

"uma sala grande onde cabia tudo de tudo"

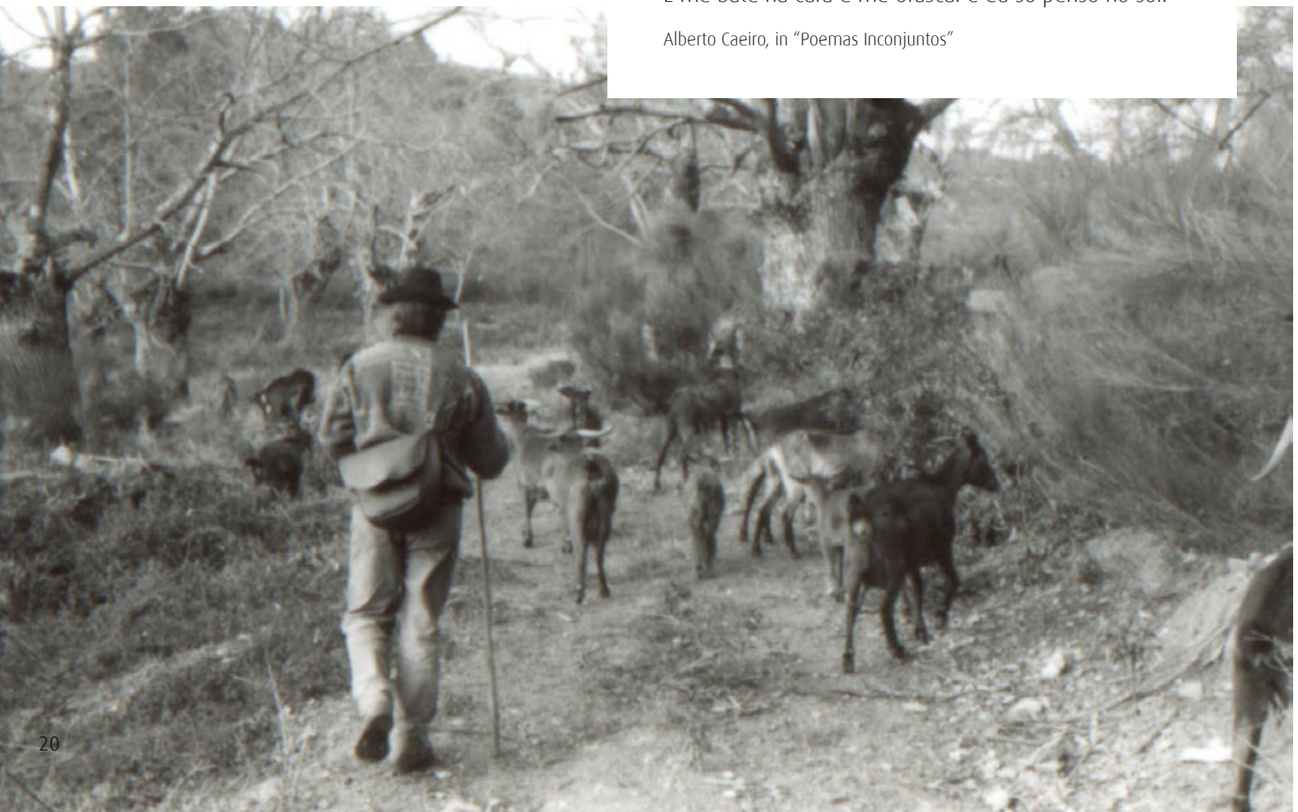
"Em regra, as grandes casas tinham pastores, ganhões, quinteiros, juntas, vacadas, cavalos..., e um capataz quando das colheitas agrícolas: ceifas, azeitona, malhas, sementeiras..., e um Maioral, o pastor dos pastores.
Era vê-los, Domingo, depois de missa, fato de surrobeco, jaqueta ao ombro, colete justo, camisa bordada, relógio de bolso suspenso de casa de botão por corrente de prata reluzente, sempre polido e certinho, bota cardada, espora brilhante em tacão alto, chapéu de aba larga, castanho de mel, patarras descidas.... Nem a jogar ao fito ou à raioula tiravam a indumentária. À tardinha lá iam a cavalo ou de macho "ver do vivo que não tem Domingos".
Os maiorais e os capatazes não tinham bandoleira. Os pastores, esses, todos tinham. E mais: a bandoleira não tinha compartimentos. Aquilo era uma sala grande onde cabia tudo de tudo, era um caos, mas tinha uma ordem: a ordem acidental que o pastor lhe dava quando metia tudo outra vez na bandoleira... O maioral e o capataz comiam no rancho, ali onde ficavam as furdas, os bardos, as cavalariças, as eiras a horta da casa, a adega, as lojas e os celeiros, tudo o que era governo de ano inteiro para a casa, eles não precisavam de bandoleira. Já não era assim com os pastores que andavam por lá, dormiam em choças, bebiam água das fontes com o gado, por isso andavam sempre limpas, e só vinham às vezes ao fim de semana reabastecer de tabaco, conduto e uma cabaça de vinho. A bandoleira era toda em cabedal genuíno, incluindo a cinta que a prendia a

tiracolo, por detrás das costas, ensebada como convinha para não se ensopar com a água da chuva e resistir a todos os maus tratos. Era tão resistente à torreira do Sol, como à maior das intempéries. O princípio obedecia ao provérbio: a capa e a merenda nunca ficam na fazenda. Era na bandoleira que ia a merenda: pão e conduto – toucinho, queijo, alguma chouriça, um naco de presunto..."

http://basagueda.blogspot.com

Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas
Que felicidade é essa que pareces ter — a tua ou a minha?
A paz que sinto quando te vejo, pertence-me, ou pertence-te?
Não, nem a ti nem a mim, pastor.
Pertence só à felicidade e à paz.
Nem tu a tens, porque não sabes que a tens.
Nem eu a tenho, porque sei que a tenho.
Ela é ela só, e cai sobre nós como o sol,
Que te bate nas costas e te aquece, e tu pensas
noutra cousa indiferentemente,
E me bate na cara e me ofusca. e eu só penso no sol.

Alberto Caeiro, in "Poemas Inconjuntos"



CAPACETE DA GRANDE GUERRA

A GRANDE GUERRA

Em 28 de Junho de 1914, o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do império Austro-Húngaro, é assassinado Sarajevo, na Bósnia; um mês depois tem início o maior confronto bélico da história mundial até então. Inicialmente, a contenda opõe dois grandes blocos: a Tríplice Entente – Império Britânico, França, Império Russo (até 1917) e Estados Unidos (a partir de 1917) – e as Potências Centrais – Império Alemão, Império Austro-Húngaro e Império Turco-Otomano. No decorrer das operações, que se arrastariam por quatro anos, muitos outros países, entre eles Portugal, viriam a envolver-se directa ou indirectamente naquela que foi depois designada por Grande Guerra.

Não cabe aqui o complexo de razões de fundo que conduziram ao rebentar do conflito, de cujo assassinato de Sarajevo foi apenas a mecha para quatro longos anos de combates onde pereceram cerca de vinte milhões de pessoas.

Na primeira etapa do conflito, Portugal limitou-se ao envio de tropas para a defesa das colónias africanas ameaçadas pela Alemanha. É neste contexto que o 3º Batalhão do Regimento de Infantaria 21, aquartelado em Penamacor, é mobilizado para Moçambique.

A declaração de guerra por parte da Alemanha chegaria a 9 de Março de 1916. No ano seguinte, os primeiros soldados do corpo expedicionário português seguiriam para a Flandres. Ao fim, chegaram a estar mobilizados quase 200 mil homens. As perdas atingiram cerca de 10 mil mortos e milhares de feridos.

O 3º BATALHÃO DO R. I. 21 DE PENAMACOR NA EXPEDIÇÃO A MOÇAMBIQUE

A 11 de Setembro de 1915 chegou ao 3º Batalhão do Regimento de Infantaria 21, aquartelado em Penamacor, o telegrama com a Ordem de Guerra para que, até ao dia 23 do mesmo mês, aqui se apresentassem os voluntário que, com os efectivos do quadro permanente, deveriam apresentar-se em Lisboa no dia 4 de Outubro desse ano, data em que, afinal, a coluna de tropas sairia de Penamacor a caminho da Fatela. O tempo que decorreu entretanto foi cheio de azáfama e peripécias brilhantemente descritas pelo capitão Júlio Rodrigues da Silva, na Monografia do 3º Batalhão Expedicionário do R.I. nº 21 à Província de Moçambique em 1915, de que se reproduz o seguinte trecho:

"O Batalhão sai pelo corredor e porta contígua à das armas. Ao desembocar na parada exterior o espectáculo é dolorosamente impressionante e profundamente comovente. Uma multidão compacta de pais e filhos, mulheres e noivas, irmãos e parentes, amigos e conhecidos, das aldeias e da vila, soluça e chora, grita e clama, comprime-se e deixa fender-se a custo, para passar o Batalhão. Mulheres arrepelam-se e outras de joelhos levantam para o comandante as faces angustiadas e os punhos cerrados, bramindo ameaças e injúrias, que se não entendem, nele vendo, as suas almas simples, o responsável daquela abalada de entes queridos, lá para as terríveis costas negras. Em quási todos os olhos há lágrimas, que em alguns rostos parecem de sangue, ao reflectirem a luz avermelhada dos archotes, pupilas dilatadas e bem fitas nas filas pardas que cadenciadamente vão passando, ansiosas por ainda verem e receosas de que lhes escapem, aquele ou aqueles a quem elas querem dizer o último adeus, atirar o último beijo, e quem sabe, estreitar ainda pela última vez. E as filas vão desfilando, compassadas, rápidas, e os olhos, de tanto chorar e tanto fixar, já não distinguem bem e a todos confundem; e são os que lá da forma os apercebem que vão ligeiros dar-lhes o último beijo, dizer-lhes o último adeus.

Por toda a rua, até à última casa, dos muros, dos portados, das janelas, das varandas, se acena, grita e berram votos de felicidade, e uma dor e angústia desvairantes se exteriorizam em ais, lamentações e prantos."

Partida de tropas portuguesas para França. Chegada ao cais de embarque de um Batalhão de Infantaria de Castelo Branco. Desconhece-se se e quantos naturais do concelho combateram em França.

Cais de Santa Apolónia, embarque do Corpo Expedicionário Português para a Flandres, após a entrada de Portugal na guerra

Soldados nas trincheiras. A ideia de uma guerra rápida depressa se desvaneceu. Os exércitos opositores foram ficando estancados ao longo de uma linha de oitocentos quilómetros, que ia da Bélgica e norte da França até à Suíça, em abrigos cavados na terra. Separavam-nos escassos metros pejados de arame farpado, equipamento militar destruído, corpos em decomposição e muitos ratos. Era a chamada "terra de nunguém".

MENÇÕES À GUERRA NAS ACTAS DA CÂMARA, DURANTE O PERÍODO 1914-1918

Curiosamente, as actas das sessões da Comissão Executiva da Câmara Municipal nada referem sobre este passo. Tudo o que foi possível apurar a partir da sua leitura, acerca da guerra, durante ao anos de 1914 a 1918 , é o que vai transcrito:

4 de Janeiro de 1915

"Resolveu representar para que o Terceiro Batalhão de Infantaria 21 mobilize e continue estacionando aqui até ter de marchar para o teatro das operações de guerra."

13 de Março de 1916 (Referência à entrada de Portugal na Grande Guerra)

"Esta comissão tendo conhecimento de por motivos de apreensão dos setenta navios alemães ancorados nos nossos portos do continente e d'além mar, como lhe permite o respectivo tratado com a Alemanha, e de que esta deu diversos exemplos, apreendendo e tomando conta de diversos estabelecimentos estrangeiros existentes na Alemanha, esta declarou guerra a Portugal em termos ofensivos, guerra que o Governo Português, para dignidade e brio nacional, aceitou, dispensando as ameaças alemãs e mantendo as apreensões feitas, arreando a bandeira alemã e içando a bandeira nacional, este município resolveu aceitar como boa a doutrina sustentada pelo governo Português, aprovando inteiramente o seu procedimento e que a guerra virá dar a Portugal uma nova página às glórias portuguesas, não obstante a desproporção enorme de forças e de elementos de toda a ordem que há entre Alemanha e Portugal (...) Viva Portugal! Viva a nossa velha aliada! Abaixo os bárbaros teutões", etc.

15 de Maio de 1916

"Foi presente num ofício da Comissão de Propaganda da Cruzada das Mulheres Portuguesas e um impresso para inscrição patriótica da maneira por que podem prestar o seu auxílio no estado de guerra em que nos encontramos. A Comissão resolveu oficiar a Ex.ma Senhora Dona Benedita Osório, pedindo-lhe para organizar uma comissão de senhoras..."

26 de Março de 1917

"Foi presente ofício do Comité de socorros português aos nossos prisioneiros de guerra, em Lausanne, pedindo donativos. A Comissão resolveu responder-lhe que se lhe for possível meter no orçamento qualquer verba para tão justo fim, o fará com toda a intenção."

IN MEMORIAM

Em memória dos caídos em combate na campanha expedicionária à província de Moçambique, ergueu-se o monumento que ainda hoje figura na antiga parada do Quartel, inaugurado em 19 de Junho de 1921. Nele foram gravados os nomes daqueles cujo falecimento havia certeza. Dos 460 de que se ignora o destino, muitos possivelmente lá deviam figurar, mas nada há, até hoje, que ateste o seu falecimento. Da relação de mortos do 3º Batalhão, constam Manuel Lucas e Manuel Chiote, de Salvador; Joaquim Francisco Raposo, de Aranhas; Álvaro Vaz da Cunha, de Benquerença; Abílio Martins, de Meimoa.

Desconhecem-se quaisquer notícias de naturais do concelho nos combates em França.

MUNICÍPIO DE PENAMACOR

MUSEU MUNICIPAL PENAMACOR